

**EDUCAÇÃO MUSICAL E DEFICIÊNCIA:**  
adaptações de materiais para a inclusão do aluno de violão com deficiência visual

***Pâmela Araújo de Moura***  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
araujo.pamela02@gmail.com

26

**RESUMO**

Este trabalho refere-se a uma pesquisa inicial do curso de mestrado, e busca discutir a inclusão de pessoas com deficiência visual num entorno heterogêneo com o auxílio das tecnologias assistivas na adaptação de materiais didáticos para o processo ensino e aprendizagem do aluno de violão com a referida deficiência. Para esta discussão serão trazidos BEZERRA (2016), BONILHA (2006), GIESTEIRA (2013), JOLY (2003), OTA (2014) e TOMÉ (2003) a fim de fomentar abordagens acerca da deficiência visual e adaptação de materiais para esses alunos. Para a continuação desta pesquisa será utilizada a abordagem qualitativa com a metodologia da pesquisa-ação.

**Palavras-chave:** Educação Musical; Deficiência visual; Inclusão.

## 1 INTRODUÇÃO

A educação tem ampliado suas discussões abordando a música em múltiplos espaços e contextos distintos. Consequentemente o educador musical está cada vez mais sendo desafiado a buscar formação para atender essa multiplicidade. Contudo, sabemos que essa busca é contínua, e precisa ser realizada para além dos currículos dos cursos de graduação. Em meio a essa multiplicidade de espaços e realidades que o educador musical poderá encontrar em sua atuação docente, há um assunto emergente e cada vez mais presente em nosso cotidiano, no que concerne à educação especial.

Desta forma a inclusão é um assunto muito pautado atualmente, porém esse é um grande desafio, principalmente pelas condições apresentadas ao educador. A inclusão não acontece apenas pelo fato de uma pessoa com determinada necessidade especial frequentar o mesmo espaço que as pessoas sem a necessidade. Essa questão requer atenção, principalmente para que haja a preocupação da verdadeira inclusão. Para isso é necessário que a pessoa com deficiência receba e realize as mesmas atividades propostas, dentro das suas possibilidades. “É dever daqueles ditos “normais” engajarem-se na luta pela integração do deficiente ao nosso meio” (TOMÉ, 2003, p. 17). Para compreendê-la é necessário refletir sobre as limitações, ela não é uma exclusividade da pessoa com necessidades especiais.

A música é um importante promotor de inclusão, capaz de proporcionar a criação e interação entre pessoas com deficiência e sem deficiência. “[...] a inclusão não implica apenas em um respeito ou em uma tolerância às diferenças, mas, ao contrário, suscita o convívio pleno com a diversidade humana, extraindo-se todas as riquezas que dele advêm” (BONILHA, 2006, p. 7).

É nessa perspectiva que este trabalho propõe refletir a inclusão no processo de ensino aprendizagem num entorno heterogêneo, buscando estratégias plurais através de adaptações de materiais para assim promover um real espaço de inclusão, onde as pessoas com necessidades especiais tenham acesso ao mesmo conteúdo na medida do possível que os demais, além de desmistificar alguns preconceitos atribuídos às pessoas com deficiência. Ademais será discutido a

importância do professor na busca por possibilidades que possam promover essa inclusão, possibilidade essas que podem ser intermediadas pela adaptação de materiais, auxiliado pelas tecnologias assistivas.

## **2 DEFICIÊNCIA VISUAL**

Para adentrarmos no campo da deficiência visual é importante desmistificar algumas ideias e compreender que ela pode acontecer de variadas formas na vida do indivíduo. Otta (2014), afirma que:

As deficiências visuais podem ser congênitas, ou seja, que se manifestam até os dois anos de idade; ou adventícias (adquiridas), que se caracterizam pela perda de visão de maneira imprevista ou repentina, seja na infância (a partir dos dois anos de idade), na adolescência, na fase adulta ou senil e geralmente são associadas por causas orgânicas ou acidentais.

Apesar de todo o histórico de desafios, exclusão e segregação, pelos quais as pessoas com deficiência já enfrentaram, já foi alcançado avanços significativos. Para que haja a inclusão de pessoas com deficiência em um meio heterogêneo, é necessário a adaptação de materiais e metodologias para que o aluno possa de fato ter acesso ao conteúdo da aula. Nessa perspectiva Joly (2003, p. 5) considera que:

Um professor musicalmente bem preparado, tendo em mãos uma programação de ensino variada e flexível, que permite adaptações e modificações nos procedimentos planejados, é capaz de adequar os critérios de avaliação em função das características de seus alunos e adaptar os procedimentos ideal para o desenvolvimento de cada tópico da aula, fazendo com que cada situação de ensino se transforme num degrau, possível de ser transposto, a caminho do desenvolvimento e da integração do indivíduo com necessidades especiais.

Comumente encontramos músicos que aprenderam tocar violão de ouvido. No caso do deficiente visual é mais comum ainda que tenha aprendido através da imitação. Corriqueiramente, há uma ideia de que pessoas com DV tem o desenvolvimento dos sentidos mais apurados. Essa ideia é muito considerada com relação a música. Porém é importante pensarmos que,

O desenvolvimento aguçado da audição, do tato, do olfato e do paladar é resultante da ativação contínua desses sentidos por força da necessidade.

Portanto, não é um fenômeno extraordinário ou um efeito compensatório. Os sentidos remanescentes funcionam de forma complementar e não isolada. (BRASIL, 2007, p. 15).

Sendo assim, é preciso considerar que um sentido não é automaticamente ativado com a perda de outro e a pessoa com deficiência precisa receber assistência educacional para desenvolver-se. Sobre isso Tomé (2003) afirma que:

O cego não é dotado de capacidades invulgares, nem mesmo possui memória extraordinária. [...] Claro que tem suas limitações, mas a pessoa cega, sem sombra de dúvida, pode tornar-se econômica e socialmente auto-suficiente, desde que tenha uma assistência educacional eficaz. (TOMÉ, 2003, p. 21).

A falta dessa assistência, muitas vezes o faz dependente de que sempre haja alguém tocando para que a partir daí execute uma peça. Essa prática até pode contribuir positivamente, quando estimula a apreciação e percepção. Por outro lado torna o acesso a independência musical cada vez mais distante, limitando-se ao ouvido e privando-se à descoberta de uma nova obra executada com sua própria interpretação.

A escrita musical é um aliado para a independência na interpretação de uma obra para o violonista. Assim, através da partitura o músico cego pode acessar a ideia do compositor e a partir dela criar sua própria interpretação, sem a necessidade de que outra pessoa precise executá-la. A escrita da musicografia é acompanhada de uma simbologia consideravelmente numerosa, onde para cada nota, figura, oitava e os outros elementos de uma partitura há sua determinada combinação nas selas Braille. Para a escrita do violão esses símbolos trazem uma quantidade maior, é necessário representar cada particularidade do violão: digitação da mão esquerda, da mão direita, cordas, números das casas entre outras. Isso torna a escrita para o instrumento com muitos detalhes e o deficiente visual precisa seguir a música, conforme a escrita, onde desde sua primeira leitura, precisará ler os mínimos detalhes da partitura.

A musicografia Braille é um caminho para a musicalização para o deficiente visual, porém não se torna único. Para Souza (2014, p. 33): “[...] o Manual Internacional de Musicografia Braille não é um material pedagógico que auxilia o seu ensino, ele deve ser visto como um compêndio de regras.”

Nessa perspectiva os materiais precisam ser estudados para que possam atender, na medida do possível as necessidades do aluno, para que ele não esteja segregado ao invés de incluído.

### **3 ADAPTAÇÃO DE MATERIAIS**

A adaptação de materiais tem muita importância no processo de ensino e aprendizagem de pessoas com deficiência visual possibilitando que os mesmos tenham acesso ao mesmo conteúdo que o vidente, dentro das possibilidades. Bezerra afirma que, “Para que a pessoa com deficiência possa se desenvolver, é necessário que lhe deem condições para a realização de determinados objetivos” (BEZERRA, 2016, P. 62). Para essa adaptação existem múltiplas possibilidades dentre elas, a utilização de maquetes, adaptação de livros, o uso de softwares, como o musibaille, o MIDI, entre outros.

Na adaptação desses materiais tem-se o auxílio das tecnologias assistivas. Elas são utilizadas diariamente e muitas vezes passam despercebidas. As pessoas com deficiência visual têm acesso a muitas delas, contudo a mais notória é o sistema Braille. De fato, esse sistema é um dos principais meios de comunicação através da escrita entre pessoas cegas e por vezes com videntes. “Esse sistema de leitura e escrita foi criado em 1825 por Louis Braille, que também era cego”(BEZERRA, 2016, p. 56).

Com a música não é diferente, a escrita da Musicografia Braille é o principal sistema utilizado. Desenvolvido também por Louis Braille e baseado em seu próprio sistema. Esse código tem sido muito importante para a musicalização de pessoas com deficiência visual.

É importante pensar a adaptação de materiais para um melhor desenvolvimento musical dos alunos. Como afirma Giesteira (2013, p. 4) “A criação de materiais didáticos adaptados proporciona uma maior autonomia o estudante com deficiência visual, facilitando assim sua adaptação e inclusão em uma entorno heterogêneo.” Mas deve-se considerar também que “Se o professor faz com que o aluno realize algumas atividades com sucesso, possivelmente vai reforçar a sua autoestima. Ele obtém isso, respeitando as limitações e possibilidades de cada um,

encorajando-o a agir por sua própria conta” (JOLY, 2003). Sabe-se que o deficiente visual já tem uma certa dependência em muitas de suas atividades, contudo os recursos de tecnologias tem contribuído para a independência dessas pessoas. Por isso na música também é necessário que os auxiliem essa independência e consequente a autonomia dos mesmos.

Diante disso é notável o papel que o educador exerce como motivador do aprendizado musical, fazendo ligação entre o assunto teórico e as vivências musicais, buscando sempre materiais metodológicos que auxiliem o processo de ensino e aprendizagem.

#### **4 ENSINO DO VIOLÃO PARA O CEGO**

Comumente encontramos músicos que aprenderam tocar violão de ouvido. No caso do deficiente visual é mais comum ainda que tenha aprendido através da imitação. Corriqueiramente, há uma ideia de que pessoas com deficiência visual tem o desenvolvimento dos sentidos mais apurados. Essa ideia é muito pensada com relação a música. Porém é importante pensarmos que, “O cego não é dotado de capacidades invulgares, nem mesmo possui memória extraordinária. [...] Claro que tem suas limitações, mas a pessoa cega, sem sombra de dúvida, pode tornar-se econômica e socialmente auto-suficiente, desde que tenha uma assistência educacional eficaz.” (TOMÉ, 2003, p. 21).

A falta dessa assistência, muitas vezes o faz dependente de que sempre haja alguém tocando para que a partir daí execute uma peça. Essa prática por sua vez tem seu lado bom, quando estimula a apreciação e percepção. Por outro lado torna o acesso a independência musical cada vez mais distante, limitando-se ao ouvido e privando-se à descoberta de uma nova obra executada com sua própria interpretação.

A escrita musical é um aliado para a independência na interpretação de uma obra para o violonista. Assim através da partitura o músico cego pode acessar a ideia do compositor e a partir dela criar sua própria interpretação, sem a necessidade de que outra pessoa precise executá-la. A escrita da musicografia é acompanhada de uma simbologia consideravelmente numerosa, onde para cada

nota, figura, oitava e os outros elementos de uma partitura há sua determinada combinação. Para a escrita do violão esses símbolos trazem uma quantidade maior, é necessário representar cada particularidade do violão: digitação da mão esquerda, da mão direita, cordas, números das casas entre outras. Isso torna a escrita para o instrumento com muitos detalhes e o deficiente visual precisa seguir a música, conforme a escrita, onde desde sua primeira leitura, precisará ler os mínimos detalhes da partitura.

A musicografia Braille é um caminho para a musicalização para o deficiente visual, porém não se torna único. Para Souza (2014, p. 33): “[...] o Manual Internacional de Musicografia Braille não é um material pedagógico que auxilia o seu ensino, ele deve ser visto como um compêndio de regras.”

Na particularidade da notação musical para o violão há muitos sinais, isso torna o processo da execução de mais difícil acesso. Ao estudar uma peça de violão, o violonista vidente observa do macro ao micro, ou seja, antes das informações de digitação, repetições, posição, ele primeiro ver a melodia e acompanhamento da música. O cego acessa a peça ao contrário, partindo primeiramente dos detalhes da peça, ele vai do micro ao macro e isso torna o processo de execução muito mais lento, pois além da leitura, o mesmo precisa memorizar a música para poder executá-la. Além disso, há outro fator que diferencia o estudo do violonista vidente e do violonista cego. O violonista vidente tem o recurso visual, enquanto o cego tem apenas o recurso da memorização. Em caso de precisar rever algum trecho, será mais simples para o vidente, enquanto o cego precisará ler novamente a partitura a cada compasso. Segundo Bonilha (2006), o deficiente visual não possui uma noção geral do trecho lido além de que ele não no momento em que estão tocando eles não podem se dispor de suas mão para conferir o que está escrito.

É importante a busca por uma adaptação da notação musical na transcrição de partituras para violão. No repertório violonístico é importante que haja um repositório, capaz de trazer apenas informações necessárias, tanto para quem vai tocar, quanto para quem transcreve. Vale salientar que, na transcrição Braille, quanto mais houver elementos na partitura, maior será a margem de erro.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A busca por alternativas para que possamos incluir pessoas com deficiência, é uma necessidade atual. Precisamos olhar com sensibilidade para essas pessoas oportunizando que elas possam gozar do direito de conviver normalmente em sociedade. Enquanto professores em formação contínua, podemos buscar estratégias didáticas e metodológicas que possam contribuir para esse processo, pois somos promotores da inclusão no contexto educacional.

A utilização de adaptação de materiais exerce papel importante para que a pessoa com deficiência possa ter o acesso ao conteúdo desenvolvido em sala. As tecnologias assistivas têm auxiliado este processo. Vale ressaltar que o fato da pessoa com deficiência está no mesmo ambiente que os demais não se caracteriza inclusão. Se ela estiver em atividade diferente, este será um ambiente de segregação. Sabemos que é necessário que a formação do educador musical seja pensada nas múltiplas perspectivas de educação, promover a inclusão social é dever de todos. Mas é imprescindível que essa formação seja construída ao longo de toda a trajetória acadêmica do professor, buscando sempre novos recursos e metodologias.

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, Edibergon Varela. **Música e deficiência visual**: os processos de aprendizagem musical no Projeto Esperança Viva. 2016. 129 f. Dissertação (mestrado) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

BONILHA, Fabiana Fator Gouvêa. **Leitura musical nas pontas dos dedos**: caminhos e desafios do ensino da musicografia Braille na perspectiva de alunos e professores. 2006. 226 f. Dissertação (mestrado) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006.

GIESTEIRA, Adriano Chaves. **La enseñanza de la música para personas con discapacidad visual**: elaboración de um método de guitarra. 2013. 195 f. Tese (doutorado) – Facultad de Ciencias de La Educación. Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona, ESP, 2013.

JOLY, Ilza Zenker Leme. **Música e Educação Especial**: uma possibilidade concreta para promover o desenvolvimento de indivíduos. Educação: revista do Centro de UFSM, Santa Maria. RS, v. 28, n.2, jul-dez. 2003. Não paginado.

OTA, Rafael. **Os cursos de formação de profissionais aptos ao trabalho de educação musical para alunos com deficiência visual**. 2014. Dissertação (mestrado) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2014.

TOMÉ, Dolores. **Introdução À musicografia Braille**. São Paulo: Global, 2003.